Paraná | Dezembro de 2010 | Edição 04

Tatiana Franceschini
Daniel Zanella
Rodrigo Araújo
Daniel Caldeira
Suelen Loryanni
Waldiclei Barboza
Fernanda Cercal
Mateus Chequim
Felipe Kryminice
Aline Reis

Relevo

Editorial

"Relendo a obra mais tarde, quase sempre penso: 'Não era bem isto o que queria dizer'."

Érico Veríssimo,
em *O Escritor Diante do Espelho.*

Rubem Braga
(12/01/1913 – 19/12/1990). Cronista.

Porque a crônica também é coisa muito séria. Porque se morre de fome, de amor, de tédio, de desilusão – comprada em eternas prestações – de tristeza, de amargura, de ingratidão, de dor. [E cada cronista é um universo inteiro encerrado numa circunstância emocional.]

A crônica também é dedo em riste, o que não justifica exatamente a derrubada dos clowns da escrita, com suas anedotas de manchete de jornal – ventríloquos da piada pronta já antiga ao final do dia – até porque não temos novas idolatrias a erigir. (Por isso, atentemos aos vinte anos da morte de Rubem Braga e o claro enigma do tempo: seu humor, sua ironia e seu sarcasmo – coisas muito sérias.)

Não confundamos leveza com plantas rasteiras.

A quarta edição do Relevo está a clamar por uma crônica mais lírica do que claque de auditório, mais angustiada do que o sorriso fácil do colunista social, mais suja e pútrida do que comerciais de amaciante estrelados por atores de novela.

Porque a literatura não é a indiferença do motorista à hora do pedágio, sequer via fácil para a fuga do mundo. A crônica também é coisa muito séria. Ou não.

Uma boa leitura a todos.

"Bilhões e Bilhões"

Eu nunca disse isso. Juro. Bem, disse que há talvez 100 bilhões de galáxias e 10 bilhões de trilhões de estrelas. É difícil falar sobre isso sem usar números grandes. Falei "bilhões" muitas vezes na série de televisão Cosmos, mas nunca disse "bilhões e bilhões". [...] Johnny Carson andava pela televisão me imitando e dizendo "bilhões e bilhões". [...] As pessoas gostaram do som da expressão. Mesmo hoje em dia, ainda me param na rua, num avião ou numa festa, e me perguntam, um pouco timidamente, se eu não diria – apenas para elas – "bilhões e bilhões".

Carl Sagan

Expediente

Edição: Daniel Zanella
Diagramação: Elvis Ferreira
Fotógrafo: Peter Hammer
Impressão: Gráfica Helvética
Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 25 de novembro, 20h

Contato

Jornal Relevo no Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com

! *O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.*

Colaboradores

Dolores Del Fuego
Escritora paulista, cursa o 6º período de Moda na Universidade de São Paulo. Trabalha na área de produção, tem seu primeiro livro encaminhado e publica seus textos no endereço www.ownblues.blogspot.com

Waldiclei Barboza
Editor do periódico O Popular do Paraná. Publica seus textos no endereço www.oquevocenaosabia.com.br.

Peter Hammer
Fotógrafo e cuteleiro, nascido em Assis, São Paulo. Fotografa pra agências, jornais e revistas e ministra cursos periódicos de cutelaria em Curitiba.

Allan George
Artista plástico, cursa 8° período de Jornalismo na Universidade Positivo.

Marcos Monteiro
Cursa 2° período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Suelen Lorianny
Cursa 4º período de Jornalismo na Universidade Positivo e 2º período no Núcleo Profissionalizante Teatral Lala Schneider. Publica suas fotografias no endereço www.fotolog.net/sulorianny e textos no endereço www.revolucaonopalco.wordpress.com

Tatiana Franceschini
Advogada, especialista em Direito Tributário. Publica seus textos no endereço www.manuscritodegaveta.blogspot.com

Mateus Chequim
Cursa o 2º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Escreva para o blog musical www.defenestrando.com e publica suas crônicas no endereço www.maisdivagar.blogspot.com

Felipe Kryminice
Cursa 3° Período de Publicidade e Propaganda na Universidade Positivo.

Rodrigo Araújo
Cursa 4º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço www.opoliticamenteincorreto.blogspot.com

Aline Reis
Cursa 4° Período de Jornalismo na UP. Estudiosa da cultura negra e redatora Jr. do Departamento de Marketing da Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço www.devaneioscibernetico.blogspot.com

Fernanda Cercal Odppes
Cursa 2° Período de Jornalismo na UP. Colabora com o Lona , jornal-laboratório da Universidade Positivo.

Daniel Caldeira
Músico e escritor carioca, publica seus textos no endereço www.danielcst.blogspot.com

Daniel Zanella
Cursa 2° período de Jornalismo na UP. É colunista do periódico Notícias Paraná e integra algumas coletâneas por editoras independentes. Publica suas crônicas no endereço www.letrasnumcanto.com.br

Elvis Ferreira
Trabalha com Diagramação e Arte Final. Publica alguns de seus trabalhos no endereço www.elvisferreira.carbonmade.com e também Fotografias em www.flickr.com/elvisferreira

bar sem cerveja cachorro cego bar sem cachorro cego cerveja

Daniel Zanella

O bar está sem cerveja e as mulheres querem beber [nós também] é necessário antes dizer: esse é um arremedo de bar um bar que para entrar é preciso subir uma escadaria um bar onde o futebol na tevê quando passa é sem narração a cerveja quando tem é quente e cara e o telão transmite experiências caseiras com refrigerante. o banheiro ao menos o banheiro é digno de um bar: imundo poças no chão papel usado espalhado pelos cantos cartazes colados nas paredes versando sobre sexo sexo sexo sexo sexo as mulheres conversam sobre sexo [nós também] o sexo tem uma linguagem específica os movimentos de mãos picotes de propagandas antigas elas a baterem suavemente as pontas dos dedos na mesa.

há de lamentar um bar sem cerveja hoje está uma noite pedinte de embriaguez um calor reinante sob os augúrios do inverno estrelas brilhando mais do que a lua dos apaixonados e preocupa-me uma questão: onde estará o meu amor quando procuro suas entranhas – a moça de cabelos volumosos luxuriantes sabe dessas perguntas.

não tem cerveja mas tem caipirinha que por não ser uma palavra tão intensa e lírica gosto menos e há de convir que beber qualquer coisa etílica em canudinho é um tanto herege. olha só acaba de passar uma mulher de salto alto uma sinfonia perante os ruídos das conversas amenas. Os ruídos lá fora: os boêmios todos lá fora esse é um bar que pede pra que bebam lá fora daqui dá pra ouvir as canções mambembes dos carros tunados as gargalhadas histéricas o tilintar metálico das escadarias povoadas o burburinho dos copos de vidro: quantos beijos terão sua premiére nessa quinta-feira qualquer.

Foto: Peter Hammer

um amigo. encontra-me um amigo. também entregue à caipirinha meu amigo: será que damos conta de beber tudo o que resta desse lugar obscuro. pergunto da namorada ela não está Mato Grosso do Sul distante tão distante quanto é preciso a distância para planos de fuga é a nossa natureza contraditória meu irmão pedindo passagem em nossas ruas movimentadas.

o amigo sai para comprar mais bebidas. Volta. diz que tem algo pra me dizer sobre as crônicas [minhas crônicas, talvez] diga pois diga: são boas eram ruins são boas agora. não meu amigo é essa bebida sem procedência que te faz dizer essas coisas. ele relembra um antigo pedido: gostaria de uma crônica sobre seu estimado cachorro que é cego e manco de pata traseira [ou será dianteira.] acabo de esquecer se me disse ou se inventei. pergunto como é ter um cachorro cego e manco nunca soube de tais particularidades num só animal ele me diz que é um cachorro cordial sensato zeloso do lar apesar de alguns incidentes envolvendo objetos inanimados.

o bar sem cerveja o cachorro cego o bar sem cachorro cego cerveja os desejos cabelos olhos volumosos estão pairando sobre a cabeça de meu mundo de incoerências a bebida acabou e é preciso ir embora mulheres: antes que o latido dos copos revele ainda mais sobre meu coração cego.

boa noite.

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

yo no tengo nada

Ilustração: Allan George

Pois se o que querem saber é uma grande verdade sobre a vida, meus caros, hei de dizê-la: o que nos destrói é o conforto de saber que certas coisas estão ali, ao nosso alcance, ainda que não nos interessem verdadeiramente. Como vez ou outra o quadro se altera, dão-se a partir desse fato aqueles casos nos quais a mocinha vai para o estrangeiro e sente falta de fruta-do-conde, mesmo que em terras tropicais tal alimento nunca tenha sido de sua predileção. E também aquelas situações nas quais o velho, em seu leito de morte, verte algumas lágrimas de saudade antecipada das casinhas bonitas de João Pessoa, que não chegou a conhecer.

Ocorre que até então a fruta estava ali, entende? Assim como as residências paraibanas. Estavam todas logo ao lado. Eis também como funcionam as relações humanas – as pessoas estão próximas umas das outras, absolutamente disponíveis, até o dia em que não estão mais. E é aí que a mocinha e o velho levam as mãos ao rosto e choram feito bebês de colo, mostrando todo o vazio que insiste em seguir dentro de cada um deles, digo, dentro de cada um de nós. Mostrando-se absolutamente iguais.

sexta-feira

Tatiana Franceschini

Havia um pai com sua menininha graciosa no colo, o carinho estampado na face. E um casal que observava os dois, enquanto a moça imaginava o dia em que seria mãe, abraçada ao namorado. E uma senhora que a todos olhava com aquela calmaria diante do cotidiano que só os que já viram de um tudo conseguem sentir.

Gosto tanto desse espanto alegre que toma conta da gente ao ver a vida acontecer.

Foto: Peter Hammer

no mesmo barco

Já notaram que existe uma espécie de solidariedade rotineira entre as pessoas? Como no dia em que vi um menino no ápice do desespero existencial causado pela puberdade e quis abraçá-lo antes de dizer que aquilo iria passar, que ele não teria 13 anos pra sempre. E o caso da caixa do mercado que percebeu que eu havia comprado apenas ingredientes pra fazer brigadeiro, e deve ter sacado que era pra comer chorando um pouco e vendo filme bobo da Jennifer Lopez, e sorriu da maneira mais compreensiva que já vi. E os dois reais doados a um pedinte porque ele quer comprar cachaça, e você sabe o que é precisar de um pouco de álcool, e fica feliz em ajudá-lo naquele momento.

O medo se torna quase insignificante quando você lembra que não está sozinha.

Foto: Peter Hammer

O Campinho

Aline Reis

O muro caiu porque o campinho é dos piás. Quem aquele homem pensa que é pra cercar nosso campinho? Esse campinho se transforma no Pacaembu todas as tardes. As camisas do Corinthians são maioria. Mas há camisas do Palmeiras, Santos, São Paulo, Flamengo, Atlético, Coritiba... Na verdade, o campeonato brasileiro acontece naquele campinho.

Aquele homem não pode cercá-lo. O campinho é nosso.

Outro dia de manhã passei lá e me assustei. Havia um muro que fechava a entrada do campinho. Continuei andando. Estava, como sempre, com pressa. Mas fiquei pensando no campinho. Como os piás irão jogar? Como cortarei caminho, com a passagem do campinho fechado?

Quando retornei decidi parar para observar o muro. Muro? Cadê o muro? Vocês podem mandar no sistema, mas no campinho é a gente que manda. O muro tinha caído. Na real, tinham derrubado o muro. Com certeza foi os piás que derrubaram. Os corintianos, os palmeirenses...

Não é um fato histórico, como a queda do muro de Berlim. Mas para aqueles piás, a queda do muro do campinho foi muito mais significante do que a queda do muro de Berlim. Acho que eles não tinham nascido ainda naquela época.

A bola rola. Gritos de gol e xingamentos – filho da puta – ecoam na janela da minha casa. Eles estão felizes. Eu também.

Nesse campeonato a entrada é franca.

Foto: Peter Hammer

Verborragia

Rodrigo Araújo

Foto: Elvis Ferreira

Anhangabaú, Mooca, Ipiranga, Tatuapé, Jabaquara.

Penha, Lapa, Jaçanã, Tucuruvi, Santana, Barra Funda.

Ibirapuera, Vila Mariana, Paraíso, Brás, Consolação.

Morumbi, Tremembé, Capão Redondo.

Itaim Paulista.

Antes palavras tão comuns, insossas.

Hoje saudosas, de um idioma quase esquecido, como se estivesse em Budapeste.

o chão que não posso pisar.

Suelen Lorianny

Foi como a garoa que desceu durante a viagem. Na estrada minha visão cansou. Tento fechar e abrir os olhos rapidamente para não bater, mas a única coisa que enxergo são as pequenas gotas. Tão pequenas que chegam ao meu vidro com tanta agilidade, ao vidro do meu coração que racha com a persistência das frágeis e sutis gotas. Contradição. Quero chegar ao estacionamento com as gotas e o coração.

Não posso. Se pisar eu caio.

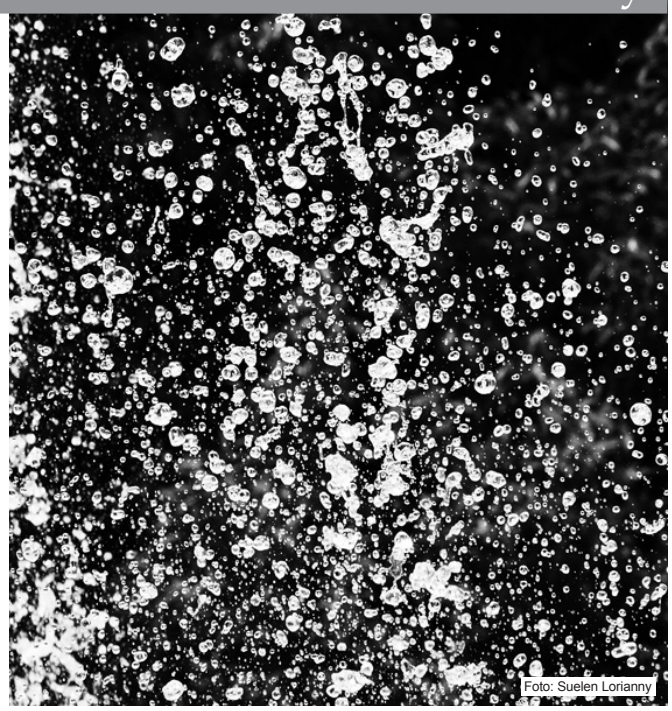

Foto: Suelen Lorianny

Danço a música, escrevo outra.

Fernanda Cercal Odppes

A chuva não cai como eu queria – e o vento sopra em direção contrária. O tempo passa. E como escurece cedo – o coração que grita em meus ouvidos o cansaço da espera. Um dia, e outro, e eu aqui, esperando que programas fúteis me divirtam, que as histórias de livros preencham o meu ser incompleto e músicas que saibam explicar o vazio. Não explicam. Não porque nem eu sei fazê-lo. É apenas o sentimento que eu sinto, e sinto, mas não me entrego. Vou tapar os ouvidos da mente e a partir de agora enxergar só uma cor – felicidade tem cor. Meu coração ganha cor. E de onde vem todo esse poder de simplesmente crer? Do amor que eu conheço e um dia será aquele que verá o tempo passar. Ileso. O amor que vai me fazer acostumar com o viverei que passa pela minha mente durante os programas fúteis, e os livros, e as músicas; o pensamento que colide com o meu vivi e que trazia de bandeja a melancolia. Não traz mais. Já estão me ensinando a escrever a outra música. Essa sim explica o meu ser, essa o vento me ajuda a dançar, e a chuva cai, tanto quanto o que nos aconteceu e ainda não faz muito sentido, mas é perfeito e inexplicável exatamente o que não faz sentido. E não vai continuar fazendo, porque ninguém entende ao certo o que diz a música. Mas todos que a descobrem sentem o ritmo que pulsa e faz o sangue correr e dar cor à vida. Que música!

Eu te concedo esta dança.

hoje é dia de tristeza

Mateus Chequim

hoje o dia amanheceu cinza na capital dos curitibanos. mas isso é só uma questão meteorológica, porque havia muita gente brilhando de ansiedade e expectativa pelo resultado da mais antiga universidade federal do país.

agora congelamos essa cena da manhã/tarde de curitiba e juntamos toda essa onda de expectativa numa nuvem, e ela flutua sobre os prédios e casas da cidade brilhando e deixando esta mais reluzente. ok, agora tempo pode avançar novamente.

observamos a nuvem, e ela fica mais brilhante a medida que o tempo passa. faz um reflexo tão grande que até atrapalha pra enxergar. eis que essa nuvem subitamente começa a ficar cinza. começa a escurecer a partir das pontas e essa cor vai avançando em direção ao centro, deixando tudo cinza, exceto alguns poucos pontos onde a luminosidade resiste e parece que não vai apagar tão cedo. são 14 horas, também chamado de horário-oficial-da-revelação-do-resultado-final.

trovões são como soluços, e chuva é lágrima

e a cidade que amanheceu apenas meteorologicamente cinza, adquire essa cor também em sua alma.

e isso porque a cada dez famílias esperançosas, apenas pouco mais de duas ficaram realizadas, contentes, orgulhosas. e para as restantes o que resta é lamento, decepção e tristeza.

hoje não é dia de festa em curitiba.

hoje é dia de tristeza.

Foto: Marcos Monteiro

A trilha sonora do amor esquecido no tempo.

Felipe Kryminice

Sabrina ouve música. Ela tem uma infinidade de opções. Milhares de músicas, nas mais variadas versões, interpretadas nas mais diversas vozes, tudo ao seu alcance. A menina desfruta da acessibilidade e praticidade dessa tal tecnologia.

Sabrina tira o fone do ouvido. Ela se perde em meio a tanta oferta. Ao mesmo tempo tanto e tão pouco. Alguns CDs guardados trazem boas lembranças de outros tempos. A menina se recorda da alegria de quando sua música preferida tocava no rádio. Surpresa! As músicas pareciam tão melhores...

Sabrina revira as gavetas. Ela se lembra do que deixou pra trás. Lendo os encartes dos CDs vê sua história contada através de música Tudo parecia tão ideal, feito pra ela. A menina sente como era bom ouvir um CD do começo ao fim e mergulhar na história de cada canção.

De repente ela sente o peso do vazio da banalização.

De repente o gosto pela dificuldade e a aversão pela facilidade. Surge então a valorização do que até então era fora de moda. Uma saudade, uma nostalgia.

Será que tanta oferta não acabou com o verdadeiro feitiço das músicas de Sabrina?

Foto: Peter Hammer

Tudo como antigamente

Waldiclei Barbosa

A professora de Educação Física entrou na sala de aula com o seu saco de bolas: uma de vôlei, outra de borracha e a última de futebol de salão. Vamos todos para a quadra, decretou. Foi aquela alegria. Todo mundo saiu correndo, só eu fiquei para trás. Alcancei a professora e a questionei: a professora nunca dá aula? Só dá a bola pra gente jogar na quadra?. Pra quê fiz aquilo. A mulher ficou possessa. Mandou todos os alunos de volta pra sala e avisou que como eu queria "aula", ela passaria um texto para "copiarmos" sobre a história do futebol de salão. Quase fui linchado pelo resto da turma. Como se não bastasse, a querida professora ainda mandou chamar a pedagoga e disse que eu a tinha desrespeitado. A pedagoga não ouviu minha versão da contenda, mas mandou que eu pedisse desculpas à professora pela minha falta de educação. Contrariado, pedi desculpas. A ordem foi restabelecida: a professora venceu, o aluno foi posto no seu lugar, a pedagoga cumpriu o seu papel e a turma toda passou o restante daquela tarde copiando do quadro verde aquele imenso texto sobre a história do futebol de salão.

Essa história aconteceu quando cursava a terceira série do Ensino Fundamental. Mais de dez anos se passaram desde então. Hoje, aquela professora é coordenadora de um Centro Municipal de Educação Infantil (Cmei), a pedagoga é diretora de uma escola e eu sou um trabalhador como qualquer outro existente nesta cidade. Nossas vidas continuaram, mas, confesso, nunca esqueci o episódio. Até hoje ele volta a minha mente sempre que ouço algum relato envolvendo professores de Educação Física. Dia desses ouvi – por acaso – um menino comemorando que teria aula de Educação Física no próximo dia. Era uma terça-feira. A aula seria na quarta-feira. A felicidade do sujeito era justamente porque ele e a turma passariam a tarde inteira jogando bola na quadra de futebol de salão da escola.

Que coisa!, pensei. Será que as práticas existentes nas escolas públicas de nossa cidade não mudaram muito em relação ao que acontecia no meu tempo?, perguntei-me e imediatamente voltou a minha cabeça a imagem daquela pedagoga me obrigando a pedir desculpas por uma "malcriadeza" que não cometi. Balancei a cabeça, olhei para os lados, para ver se nenhuma outra pedagoga havia ouvido os meus pensamentos, e segui caminhando.

Melhor assim. Afinal, se os alunos estão contentes com o futebolzinho, quem sou eu para questionar?

ACERVO ALMON

Compra - Venda - Troca

Livros - LPs - CDs - Gibis - Partituras e Curiosidades

Você Procura e nós Achamos!
Está procurando alguma música? Algum filme? Algum livro? Nós fazemos a busca do que você deseja em todo o Brasil e no Exterior e você ainda pode utilizar o seu material como pagamento parcial ou total.

Venha conversar com a gente! www.acervoalmon.com.br | contato@acervoalmon.com.br
Rua Saldanha Marinho, 459 - Centro - Curitiba/PR | (41) 3324-1360 / 3224-8982

RelevO

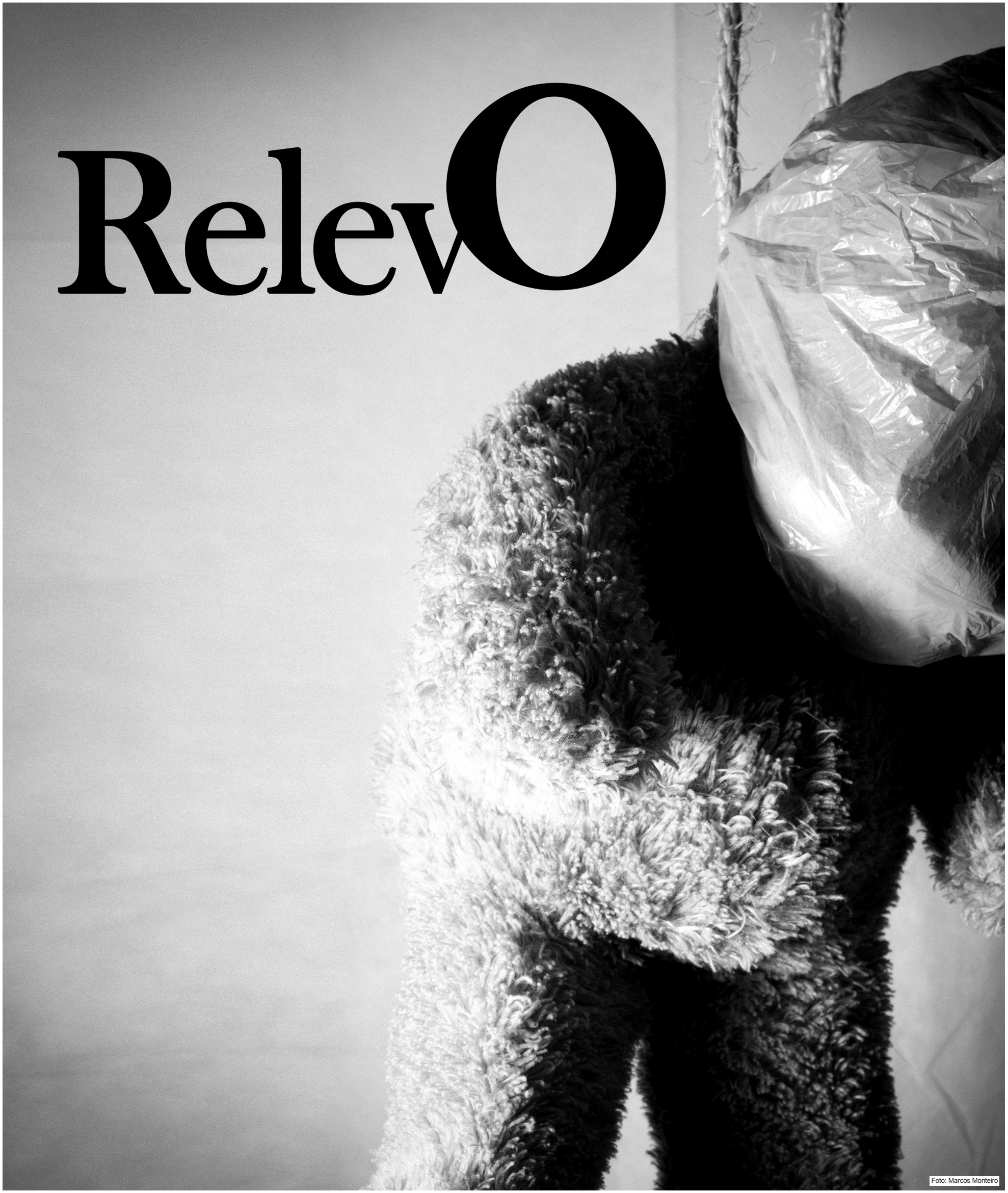

Foto: Marcos Monteiro